

O LABIRINTO DE OCTAVIO PAZ

Aline Maria de Carvalho Pagotto¹

Doutoranda pela UNESP - Univ. Estadual Paulista, Campus de Franca,

Resumo: Este artigo tem por principal objetivo a reflexão do enlace existente entre a trajetória do poeta Octavio Paz e sua obra *Labirinto da Solidão* (1950). Mediante tal objetivo, buscamos inferir a ideia de que, no final de 1940, o autor partiu para a produção de ensaios literários para sair de sua tão mencionada sensação de “imobilidade intelectual”. Para isso, buscamos uma fundamentação teórico-metodológica que acople e componha, tal qual em uma trança capilar, a trajetória de Paz, o texto e o contexto.

Palavras-chave: Octavio Paz; Literatura hispano-americana; Labirinto da Solidão;

THE LABYRINTH OF OCTAVIO PAZ

Abstract: This article intends a reflection about the interlacing between Octavio's Paz route and his essay named *Labyrinth of Solitude* published in the 1950. Through this purpose, the analysis means to deduce that, in the end of 1940, the author started the production of literary essay to get out of his feeling of “intellectual immobility”. Thereunto, becomes necessary a theoretical-methodological foundation that links and arrange, as a braid, his trajectory, his texts and his historical contexts.

Key-words: Octavio Paz; Latin-American literature; Labyrinth of Solitude

O renomado poeta mexicano, Octavio Paz Lozano (1914-1998), Prêmio Nobel de Literatura, em 1990, nasceu na cidade de Mixcoac, Cidade do México, em 31 de Março de 1914. Foi filho único do zapatista Octavio Paz Solórzano e da espanhola Josefina Lozano. Com o fim da Revolução Mexicana, Paz e a família se mudaram para Los Angeles, nos EUA. Retornou ao México somente um ano depois, quando já havia sido alfabetizado em inglês. Foi matriculado no tradicional colégio francês *Ordem de Salle* e, quando completou 15 anos, foi inscrito na também tradicional *Escola Nacional Preparatória de San Ildefonso*, o antigo *Colegio de San Ildefonso*.

¹ Aline Maria de Carvalho Pagotto tem graduação e título de mestre em História Cultural Política pela UNESP/Franca. Adentrou recentemente ao programa de pós-graduação, como doutoranda, pela mesma instituição. E-mail: alinepagotto@bol.com.br

Paz escreveu o primeiro livro de poesias com 19 anos e, a partir disso, manteve sempre alto nível de produção. Foram ao todo vinte e seis livros de poesia, uma peça teatral, trinta e três ensaios literários e sete traduções. Além de suas publicações literárias, acumulou uma vasta experiência profissional, sendo poeta, ensaísta, diplomata mexicano, editor-chefe e fundador de importantes revistas de crítica literária, como a *Taller* (1938-1941), a *Plural* (1971-1976) e a *Vuelta* (1976-1998).

Nos meados da década de 1940, Paz encontrava-se muito desacreditado em relação à política mexicana. Sentia-se “imobilizado intelectualmente” no país e, por isso, chegava a afirmar de forma incrédula que “*no bastaba con cambiar de ideas: había que cambiar actitudes. Tal vez, no se trata tanto de cambiar a los hombres como de acompañarlos y ser uno de ellos*” (PAZ, 2003:76).

Após breve temporada na França, conheceu um novo círculo de intelectuais que lhe trouxeram diferentes motivações e perspectivas. Sobre o período, afirma que “*Fue un periodo de gran riqueza, no tanto en el dominio de la literatura propiamente dicha, la poesía y la novela, como en el de las ideas y el ensayo. Yo seguía con ardor los debates filosóficos y políticos*” (PAZ, 2003:80).

Para Gallardo Muñoz, esses anos representaram dois importantes reconhecimentos: o literário e o financeiro (GALLARDO, 2000:115). Esse momento se configurou repleto de experiências benfazejas, no qual conheceu grandes nomes do continente, como o poeta Luis Aragon – fundador da *Littérature* – e Paul Éluard, cujos poemas haviam circulado clandestinamente durante a Segunda Grande.

No *milieu* francês, Octavio Paz conheceu novas personalidades do meio acadêmico, artístico, filosófico, literário e jornalístico, como, por exemplo, André Malraux (que já havia conhecido anteriormente no *II Congresso Internacional de Escritores Antifascistas* de Valência), Cornelius Castoriadis, François Mauriac, Jean Paulhan, Kostas Papaioannou, Raymond Aron, René Char e Jean-Paul Sartre.

Durante sua estadia em Paris, Paz encantou-se pelo pensamento surrealista de André Breton e Albert Camus. Após conhecer Breton, seria apresentado ao renomado Camus. Por essa época, Camus havia redescoberto a tradição libertária e anarquista; e Paz, nessa experiência francesa também as recobrou. Contudo, admitiu em *Itinerário* que as reflexões de Camus lhe transmitiam imaturidade, redundância e certa abrangência temática que fazia delas inviáveis. Afirmava ainda que Camus não era um bom filósofo, mas consistia um escritor nato, artista admirável e apaixonado pela forma (PAZ, 2003:89).

Por volta de 1946, Octavio Paz também conheceu aos marxistas Kostas Papaioannou e Cornelius Castoriadis. A afinidade entre Paz e os dois pensadores gregos se resumiria a reflexões e problematizações sócio-políticas, respaldadas por duras críticas à ideologia comunista.

Em *Itinerário*, o autor ainda recorda que se deixou envolver pela bem elaborada retórica socrática de Papaioannou e, inclusive, que muito se influenciou pelas suas reflexões. Como, por exemplo, a influência da acepção de que a lógica trotskista delinear-se-ia vazia ao definir a URSS como Estado operário degenerado. Para Papaioannou, a URSS não chegou nem mesmo a possuir operários no poder e a classe operária propriamente dita padeceu de mínimas liberdades (PAZ, 2003:90).

No fim dos anos 40, Paz aproveitou-se das polêmicas de David Rousset e seu artigo no *Le Fígaro*, onde afirmava que existiam campos de concentração na URSS, para recortá-las e publicá-las na Revista *Sur*, juntamente a José Bianco e a Victoria Ocampo. Paz esperava que sua introdução ao assunto auxiliasse a esquerda mexicana a iniciar uma reflexão mais aprofundada em relação aos assuntos que eclodiam pelo Velho Mundo.

Indiscutivelmente, segundo o autor, abrir-se-ia uma ruptura:

Sentí una surte de liberación y esperé los comentarios. Hubo pocos: recibí, como dice la antigua expresión, la callada por respuesta. O a la mexicana: “me ningunearon”. Supe después que los comentarios hablados habían sido duros y despectivos. (PAZ, 2003:98)

A partir dessa ruptura, passou a redigir uma série de poemas, cuja lírica abordaria suas mais latentes inquietações. Inquietações essas que abrangeram diferentes temáticas, sobretudo, a ambicionada independência intelectual e a poesia moderna mexicana. Ao longo do final da década de 1940 e meados de 1950, publicou seis obras poéticas: *Libertad bajo la palabra* (1949), *¿Águila o Sol?* (1951), *Semillas para un hino* (1954), *Piedra de Sol* (1957), *La estación violenta* (1958) e *Salamandra* (1958).

Neste mesmo período, nosso autor se aventurou a compor obras com diferente gênero literário; ao menos, distintas daquelas que até então havia realizado. Com a nova retórica do ensaio, almejou instrumentalizar uma maior e melhor inserção nos debates que ocorriam pelo país. A partir de 1950, tornou-se um literato reconhecido por ser abstêmio de dogmatismos, assim como, comprometido com o *ofício do escritor*. Em seguida, Paz escreveu *El Arco y La Lira* (1956), *Las peras del Olmo* (1957) e, em 1959, reeditou o *Laberinto de la soledad*. É

importante afirmar que as reedições de seus ensaios acabaram por se tornar uma constante na trajetória do autor e sendo assim, com frequência ocorriam pequenos acréscimos, correções e subtrações.

O galardoado *Laberinto de la Soledad* imortalizou Octavio Paz. Após a publicação, choveram críticas que o compararam ao clássico *El perfil del hombre y la cultura en México* (1934) de Samuel Ramos. Alegavam que ambos refletiam a formação sociocultural mexicana, o que virou senso comum. Obviamente, Paz contestou essas asseverações ao longo de anos e por conta disso, reeditou várias vezes o mesmo ensaio, com o intuito de (acredito eu) tirá-lo dessa “mancha”. Como se vê a seguir:

O Labirinto foi em exercício crítico da imaginação: uma visão e revisão. Uma coisa muito diferente de um ensaio de filosofia do mexicano ou da procura do nosso pretense ser. O mexicano não é uma essência e sim uma história. Nem ontologia nem psicologia. O que me intrigava era menos o caráter nacional que aquilo que este caráter esconde: o que está por trás da máscara. (PAZ, 1992:165)

O próprio índice do ensaio evidencia essas intenções do autor, afinal, apresenta de modo subsequente: *Os pachucos e outros extremos; Máscaras Mexicanas; Dia de Finados, dia de todos os santos; Filhos de Malinche; Conquista e Colônia; Da Independência à Revolução e A Inteligência Mexicana*; assim como, a partir de 1959, foram inseridos, *Dialética da Solidão, Nossos dias e Post-Scriptum*.

Octavio Paz começa o ensaio, num primeiro momento, ponderando acerca da necessidade de se restabelecer a consciência do país que, machucado por sublevações, haveria sido sepultado vivo, junto a seus anseios, juízos e impulsos. Para que essa recuperação ocorresse, seria necessária uma revelação – tal qual uma epifania; epifania essa semelhante àquela que ocorre no ser humano durante a adolescência.

Na adolescência, o homem transita entre a infância e a juventude em uma passagem que lhe faz perceber o mundo ao seu redor e a si mesmo. O adolescente, então, fica suspenso por instantes diante da riqueza daquilo que apreende. Nele se desenvolve uma dupla reação, encantamento e amedrontamento, sobretudo, no que diz respeito à adjacência da possibilidade de ser, existir. Daí, a menção ao mito de Narciso e seu deslumbramento com o reflexo das águas que, por sua vez, transformam-se em indagações quanto à existência; dando vida a consciência inquisidora.

Octavio Paz assemelha esse processo de transição da adolescência para a vida adulta à história do México. O país, tal qual um adolescente, haveria adentrado a uma fase de introspecção para o autoconhecimento. Uma fase que se manifestara como interrogação: o que somos e como realizaremos aquilo que somos? (PAZ, 1992: 13).

O introvertimento, nesse caso, haveria de indicar “voltar-se a própria história”, ou melhor, conhecê-la, e para isso ocorrer, somente com um severo exercício de reflexão. Em outras palavras, o autor apresentara, aos países pelos quais passou e, provavelmente, seria publicado, um México caminhando rumo à modernidade.

Conforme, Paz:

A preocupação com o sentido das singularidades do meu país, que compartilho com muitos, parecia-me há tempos supérflua e perigosa. Em vez de perguntarmo-nos a nós mesmos, não seria melhor criar, trabalhar sobre uma realidade que não se entrega àquele que a contempla, mas sim àquele que é capaz de nela mergulhar? O que pode nos diferenciar do resto dos povos não é a sempre duvidosa originalidade de nosso caráter – fruto, talvez, das circunstâncias sempre mutantes –, mas sim a de nossas criações. (...) Minha pergunta, como a dos outros, surgia então como um pretexto do meu medo de enfrentar a realidade; e todas as especulações sobre o pretense caráter dos mexicanos seriam hábeis subterfúgios de nossa impotência criadora. Acreditava, como Samuel Ramos, que o sentimento de inferioridade influi na nossa predileção pela análise e que a escassez de nossas criações se explica, não tanto por um crescimento das faculdades críticas a expensas das criadoras, quanto por uma desconfiança instintiva em relação às nossas capacidades. (PAZ, 1992:175)

A partir disso, Octavio Paz apresenta o próximo tema, os pachucos. Assim, essa incompletude mexicana deu vazão ao surgimento de grupos urbanos diversificados e que falavam diferentes línguas e que, ao mesmo tempo, “coexistiram e se asfixiaram” (PAZ, 1992, p.35).

Pachucos, em verdade, foi o nome atribuído ao grupo de jovens de origem mexicana que residira nos EUA. Surgira por volta da década de 1930 e falava um misto de espanhol e inglês, o *espanglês*, e, do mesmo modo, tinha um indumento característico, como o *Zoot suit* e o sapato bicolor. Seu agrupamento normalmente estava relacionado à música e, por isso, fora relacionado ao surgimento de alguns dos ritmos latinos como, por exemplo, o mambo e o boogie.

Eles eram, portanto, singulares por sua conduta, linguagem e vestimenta. No entanto, não ambicionavam por definir uma vindicação. Muito pelo contrário. Viviam no entremeio das sociedades, a estadunidense e a mexicana, sem escolher por honrar suas raízes ou atracar-se àquela cultura em que estavam.

Assim sendo, Octavio Paz mencionara os *pachucos* a fim de denunciar essa “sensibilidade pendularia” (PAZ, 1992, p. 17). Já que viviam como um pêndulo, sem razão, que oscila com violência e sem compasso, sem compartilhar de algo concreto. Nesse caso, sem reivindicar uma identidade ou tradição, sua vontade

(...) não afirma nada de concreto a não ser a decisão – ambígua, conforme veremos – de não ser como os outros que os cercam. O “pachuco” não quer voltar à sua origem mexicana; também – pelo menos na aparência – não deseja fundir-se à vida norte-americana. Tudo nele é impulso que se nega a si mesmo, nó de contradições, enigma. E o primeiro enigma é o seu próprio nome: pachuco, vocábulo de filiação incerta, que não diz nada e diz tudo. (PAZ, 1992:17)

Após refletir sobre os adolescentes e os *pachucos*, o autor passa ao tema do homem mexicano. Com o intuito de evidenciar, por assim dizer, que essa “sensibilidade pendularia”, na qual há certo distanciamento das raízes e de suas tradições, possui uma justificativa.

O mexicano, hermético, configura um ser recluso e voltado unicamente para dentro de si mesmo. Um ermitão. Revela-se brusco, machista e nebuloso. Já a mulher mexicana é apresentada como um mero reflexo da vontade masculina e que pode demonstrar efusividade, fortaleza, reclusão e possível rompimento. Para Paz, ao escolherem viver de forma reclusa, ambos os sexos, optam por esconder e dissimular aquilo que faz do México um país autêntico. Penso nisso, afirmou que: “a dissimulação mexicana, possivelmente, teria nascido durante a colônia, onde os índios e os mestiços teriam de, como no poema de Reyes, cantar mudos, pois ‘entre os dentes ainda se ouvia as palavras de rebelião’” (PAZ, 1992, p. 42).

Diante da dissimulação, aparece um novo assunto, as *Máscaras Mexicanas*. A dissimulação é apresentada como um mecanismo de negação do mexicano em relação a si mesmo. As máscaras, por outro lado, exercem o papel de instrumentalizar essa dissimulação, ou seja, esconder aquilo que pretende ser disfarçado. Por isso, Paz conclui que “se todos são

nenhum, não existe nenhum de nós. O círculo se fecha e a sombra de nenhum se estende sobre o México” (PAZ, 1992:44).

O mexicano, portanto, construiu as *Máscaras Mexicanas* a fim de esconder a sua verdadeira face e, além de esconderem-no, elas haveriam de isolá-lo.

Velho ou adolescente, crioulo ou mestiço, general, operário ou bacharel, o mexicano como um ser que se fecha e se preserva é: máscara, o rosto, e máscara, o sorriso. Plantando na arisca solidão, espinhoso e cortês ao mesmo tempo, tudo lhe serve para que se defenda: o silêncio e a palavra, a cortesia e o desprezo, a ironia e a resignação. Tão ciumento de sua intimidade como da alheia, não se atreve sequer a roçar os olhos no vizinho: um simples olhar pode desencadear a cólera destas almas carregadas de eletricidade. (...) O hermetismo é um recurso de nosso receio e da nossa desconfiança. Mostra que instintivamente consideramos perigoso o meio que nos cerca. (PAZ, 1992:31)

No tópico “*Todos os santos, dia de finados*”, Paz retratara um mexicano solitário, porém, venerador de feriados e festas públicas. Assim, qualquer pretexto há de servir para interromper a marcha do tempo e celebrar, com festejos e cerimônias, aos homens e aos acontecimentos. Esta tendência, para o autor, beneficia tanto a imaginação quanto a sensibilidade, sempre afinadas e despertas (PAZ, 1992: 37).

Noutras palavras, a festa representa uma válvula de escape do mexicano, na qual permite falsear as emoções e:

A principal idéia é a de que “tudo acontece em tempo encantado [a festa é encantada]: o tempo é outro tempo, desliga-se do resto da terra, enfeita-se e se transforma num “local de festa”; o espaço em que ocorre muda de aspecto. E tudo acontece como se não fosse verdade, como nos sonhos. Aconteça o que acontecer, nossas ações possuem maior leveza, uma gravidade diferente: adquirem significações diversas e assumimos com elas responsabilidades singulares”. (PAZ, 1992:49)

A festa está, para Paz, diretamente ligada ao sagrado, à vitalidade e à revitalização, que deixa o grupo purificado e fortalecido. Nela se sente a vida e, por consequência, a morte. Essa conexão feita entre festa e morte é muito comum no país e pode ser evidenciada no grande evento de finados, a *Festa de todos os santos*.

A festa, por fim, é uma frincha que se abre: aquele que era fechado ao mundo se abre para a vida, para a morte (no caso, do dia de finados). Inclusive, acreditava-se que, por essa

frincha, os mortos entravam na terra para rever seus parentes, se estavam bem, se estavam mal. Por isso, a grande festa, com comida, música, alegria, para que os seus antepassados não se entristecessem.

Após a *Festa de todos os santos*, Octavio Paz menciona um grande mito no país, a Malinche ou *Doña Marina*. Reza a lenda que Malinche, indígena do golfo do México, auxiliara Hernán Cortez durante a Conquista. Ela haveria ocupado o papel de interprete, mediadora, confidente e amante de Cortez.

Malinche haveria nascido por volta de 1505, na vila de *Painalla*, província de *Coatzacoalcos*. O pai dela morreria cedo e a mãe logo se amasiara com outro homem. Não se sabe ao certo, mas, provavelmente, fora vendida a traficantes que estavam em *Xicalongos*, onde aprendeu outros dialetos. Quando Cortez chegou ao território recebeu por volta de 20 índias como presente, uma delas era *Malinche*, que logo se destacou entre as indígenas por sua inteligência e habilidades. Além de intérprete, foi mediadora entre espanhóis e astecas. Ela teve um filho com Cortez e que para não “desgraça-la” arrumara um casamento junto a Don Juan Xamarrillo, com quem teria mais um filho. Sendo assim, Malinche pode ser interpretada como a mãe do México por seus dois filhos mestiços, ou seja, “os primeiros mestiços do país”, e também como uma traidora por ajudar aos espanhóis em seu desbravamento pelo novo território. Enfim, quando em meio as festa, tal qual reza a tradição, o mexicano fala “mal” de Malinche, em verdade, mata sua mãe mítica e se liberta para ser o que “é” em estado bruto.

Para Paz,

O México está tão só como cada um dos seus filhos. O mexicano e a mexicanidade se definem como ruptura e negação. E, portanto, como busca como vontade de transcender esse estado de exílio. Em resumo, como viva consciência da solidão, histórica e pessoal. A história que não nos podia dizer nada sobre a natureza de nossos sentimentos e de nossos conflitos, pode mostrar-nos agora como se realizou a ruptura e quais foram as nossas tentativas para transcender a solidão. (PAZ, 1992:50)

No item *Conquista e Colônia*, Paz defende que a civilização asteca teria construído seu próprio fim. Por essa razão, dá o nome ao seu fim de “a vertigem sagrada”, na qual alguns “escolhem” a nova cultura, dominadora, e outros escolhem a morte. Isso haveria dado a abertura mais que necessária para a dominação.

Os astecas experimentam o calafrio da morte em plena juventude, quando caminhavam para a maturidade. Em suma, a conquista do México é um fato histórico onde intervêm muitas e diversas circunstâncias, mas frequentemente se esquece da que me parece mais significativa: o suicídio do povo asteca. Uma parte do povo asteca desfalece e procura o invasor. A outra, sem esperança de salvação, traída por todas, escolhe a morte. (PAZ, 1992:89)

Na *Independência e Reforma*, Octavio Paz firma um ponto de vista que denuncia a escolha da sociedade mexicana em manter como dirigente a classe de herdeiros da ordem espanhola, abandonando sua autenticidade mais uma vez. Para Paz, isso seria novamente a negação de si mesmo. Com a quebra, a ruptura, esperava-se o investimento de uma administração que fosse verdadeiramente mexicana.

A independência oferece a mesma figura ambígua da conquista. A obra de Cortés é precedida pela síntese política que realizam na Espanha os reis católicos e pela que iniciam na América medial os astecas. A independência se apresenta também como um fenômeno de duplo significado: desagregação do corpo morto do império e nascimento de uma pluralidade de novos Estados. Conquista e independência parecem ser momentos de fluxo e refluxo de uma grande onda histórica, que se forma no século XV, estende-se até a América, atinge um momento de belo equilíbrio nos séculos XVI e XVII e finalmente se retira, desagregando-se antes em mil fragmentos. Na independência os povos rompem com a Colônia, mas são incapazes de construir uma sociedade moderna. Afinal, os grupos que fomentaram a independência não constituíram novas forças sociais, mas o prolongamento do sistema feudal. Assim, firmando a sobrevivência e o fragmento de um todo desfeito. (PAZ, 1992: 108)

Um representante exato desta classe herdeira do trono espanhol foi o General Porfírio Díaz. O porfiriato, como ficou conhecido seu governo, voltou suas ambições às principais idéias da burguesia europeia, como a ciência, o progresso e o livre comércio. Todavia, de tão infecundo o porfiriato levou a Revolução.

A autenticidade seria recuperada somente com a *Revolução Mexicana*, abrolhada em seu solo e que partiu de suas próprias perspectivas. Mediante isso, pode-se afirmar que a Revolução Mexicana, segundo o autor, “despertara o país” (PAZ, 1992: 120). Ela brota no México como a possibilidade de o país acordar e se reinventar.

A Revolução Mexicana é um fato que irrompe em nossa história como uma verdadeira revelação do nosso ser. Muitos acontecimentos – que compreendem a história política interna do país e a história, mais secreta, do

nosso ser nacional – preparam-na, mas poucas vezes, e todas elas fracas e apagadas, antecipam. (PAZ, 1992: 123)

A Revolução, então, acaba sendo uma imersão do país em si mesmo. Ou melhor, ela foi um modo de reatar com o passado rompido pela *Reforma* e pela ditadura de Díaz. Um retorno às origens, momento de introspecção, e, por isso, Paz menciona a solidão, o isolamento.

A Revolução é uma súbita imersão do México em si mesmo. Das suas profundezas e entranhas extrai, quase às cegas, os fundamentos do novo Estado. Volta à tradição, reatamento dos laços com o passado, rompidos pela Reforma e pela Ditadura, a Revolução é uma busca de nós mesmos e um regresso à mãe. E, por isso, é também uma festa: a festa das balas, para empregar a expressão de Martín Luis Guzmán. Como as festas populares, a Revolução é um excesso e um gasto, um chegar aos extremos, um estouro de alegria e desamparo. Nossa Revolução, é a outra face do México, ignorada pela Reforma e humilhada pela Ditadura. (PAZ, 1992: 131)

O movimento de Emiliano Zapata, por outro lado, embasar-se-ia verdadeiramente na realidade mexicana. Conforme Paz, o movimento haveria *significado* o sentimento de nação e, sendo assim, modificado o “futuro a se cumprir”. O movimento de Zapata configurara na expurgação do feudalismo colonial e na instituição de uma legislação que se reajustou à realidade mexicana (PAZ, 1992:125-130).

O zapatismo foi uma volta a mais antiga e permanente das nossas tradições. Num sentido profundo, nega a obra da Reforma, pois constitui um regresso àquele mundo do qual, de um só golpe, quiseram desprender-se os liberais. A revolução se transforma numa tentativa de reintegração ao nosso passado. Ou, como diria Leopoldo Zea, de “assimilar a nossa história”, de fazer dela uma coisa viva. (PAZ, 1992: 133)

A partir da Revolução Mexicana, a inteligência, segundo o autor, desenterrara o país. Ao analisá-la, Paz objetivou recuperar o pensamento crítico de um grupo que fez da reflexão uma atividade vital na vida política mexicana e que ocasionara ao país que se reencontrasse, por intermédio da história e da tradição (PAZ, 1992: 134). Debruçara-se sobre o pensamento de José Vasconcelos, intelectual que foi considerado fundador da educação moderna no México.

Dentro dos muros da Escola Preparatória, a velha escola positivista, tornou-se a ouvir a voz metafísica, que reclama os seus direitos inalienáveis. Vasconcelos era antiintelectualista. Filósofo da intuição considera que a emoção é a única faculdade capaz de apreender o objeto. O conhecimento é uma visão total e instantânea da realidade. Vasconcelos elabora mais tarde uma “filosofia da raça ibero-americana”, que continua uma corrente muito importante do pensamento hispano-americano. Mas, a influência deste pensador só se deixará sentir anos mais tarde, quando ocupa a Secretaria da Educação Pública no governo do novo regime. (PAZ, 1992:135)

Octavio Paz, com uma abordagem reflexiva, parte da *Conquista à Revolução*, delineando um México que estabeleceu uma intrincada busca por si mesmo. A revolução haveria proporcionado esse encontro, mas, sem perceptibilidade suficiente para que pudesse se recuperar por inteiro. Afinal, não podemos esquecer que ele inicia seu ensaio reivindicando um novo despertar.

Para a Maria Ivonete Santos Silva, *Labirinto da Solidão*:

Em 1950, se, por um lado, encontramos uma crítica mordaz ao mexicano “fechado”, preso em si mesmo, temeroso em abrir-se e revelar-se ao outro e a si mesmo, por outro, encontramos uma “volta” ao surrealismo, quando suas considerações visam, claramente, explorar o subconsciente e o sonho que levou Breton a definir o movimento como “el descenso vertiginoso en nosotros mismo, la iluminación sistemática de los lugares ocultos”. (...) O imperativo é negar por isso ele define a poesia moderna como uma experiência que implica uma negação do mundo exterior. (SILVA, 2006: 20)

Em suma, o ensaio *Labirinto da Solidão* publicado, em 1950, e reeditado ao longo da carreira de Octavio Paz, trouxe consigo importantes discussões sobre o país e dos seus empecilhos no rumo à modernidade. Foi escrito na França em um período em que se encontrava demasiado incrédulo quanto a possíveis aberturas em discussões acadêmicas a literatos independentes como ele. Por isso, passou aos ensaios com o intuito de adquirir maior abertura e receptividade no *milieu* mexicano e, em vista disso, quebrar a sua sensação de isolamento. Daí, acima de qualquer outro aspecto, o ensaio *Labirinto da Solidão* ser aqui considerado um manifesto em prol da liberdade sobre a palavra; de tão grande importância que lhe faz ser discutido até nos dias de hoje.

Referências bibliográficas

Fontes

- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- _____. *El arco y la lira*. 5º Reimpresión. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- _____. *Tempo Nublado*. 2º Ed. São Paulo: Editora Guanabara, 1986.
- _____. *Ogro filantrópico*. 4ª Ed. São Paulo: Editoria Paz e Terra, 1989.
- _____. *O Labirinto da Solidão e post-scriptum*. 3º Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

Artigos

- AGGIO, Alberto. *Um novo reformismo*. Disponível em: <www.gramsci.com.br>. Acessado em: Abril de 2008.
- ALBERTANI, Claudio. *Socialismo y libertad*. El exilio antiautoritario de Europa en México y la lucha contra el estalinismo (1940-1950). Fundación Andreu Nin. Disponível em: <<http://www.fundanin.org/albertani7.htm>>. Acessado em 21/01/2010.
- ALBUQUERQUE, Carlos. *A Guerra Civil Espanhola atraiu artistas e intelectuais de todo o mundo*. Disponível em: <www.dw-world.de>. Acessado em: 01/04/2009.
- ARANA, Juan. *La larga marcha hacia la libertad: la evolución ideológica de Octavio Paz*. Sevilla: Universidad de Sevilla, Revista Isegoría, Nº 22, 2000.
- CIERVA, M C. Ruiz de la. *La imagen intelectual de Octavio Paz*. España: UCM, 1997. Disponível em: <www.ensayistas.org.com>. Acessado em: Março de 2007.
- EUFRACCIO, Patricio. *El hombre y su obra – Octavio Paz (1914-1998)*. México: UNAM, 2006. Disponível em: <<http://www.ucm.es/OTROS/especulo/numero6/opaz.htm>>. Acessado em: Agosto de 2008.
- _____. *Octavio Paz: la palabra erguida*. México: UNAM, 2007. Disponível em: <<http://www.ucm.es/OTROS/especulo/numero6/opaz.htm>>. Acessado em: Agosto de 2008.
- KOZLAREK, Oliver. *Theodor W. Adorno and Octavio Paz: Two visions of modernity*. New York: Periodic Culture, Theory and Critic. Ano 2006, ISN: 1473-5776, Vol./ano 47(1), p; 39-52. Disponível em: <<http://www.tandf.co.uk/journals/>>. Acessado em: Maio de 2009.
- LAFER, Celso. *Sua palavra se ajusta à criação e à crítica*. São Paulo: Jornal da Poesia, Domingo, 26 de Abril, ano 1998. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/opaz02c.html>>. Acesso em: 26 de Junho de 2008.
- LARRAIN, Jorge. *A trajetória latino-americana para a modernidade*. Chile: Revista de Estudios Públicos, nº66, 1997.
- _____. *A trajetória latino-americana à modernidade*. Chile: Revista Labi-Nime, 2002. Disponível em: <www.imaginario.com.br/artigo31>. Acessado em: 06/05/2010.
- LEDESMA, Xavier. *El concepto de modernidad en Octavio Paz*. Colima: Estudios sobre la cultura contemporánea. Año/Vol. V, nº 10, ano 2000, p. 127-142. Disponível em: <www.redalyc.org>. Acessado em: fevereiro de 2008.

LEDEZMA, Ictzel Maldonado. *Liberalismo y conservadurismo en el pensamiento Latinoamericano: Dilemas de la modernidad en América Latina*. Disponível em: <www.ccydel.unam.mx/>. Acesso em: Março de 2009.

MONSIVÁIS, Carlos. *Octavio Paz y la izquierda*. México: Revista Letras Libres, vol. 30, abril de 1999. Disponível em: <www.consejouniversitario.buap.mx/>. Acessado em: Fevereiro de 2009.

Bibliografia

AGGIO, Alberto. LAHUERTA, Milton (orgs.) *Pensar o século XX: problemas políticos e história nacional na América Latina*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

ALMEIDA, Lucia de O. *Das memórias às veredas*. Florianópolis: USC/Florianópolis, 2008. (Tese de Doutorado).

ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BAQUERO, Marcello (org); PRÁ, Jussara Reis; SOUZA, Ayda Connia; ARING, Scott Mainw. *Democracia, Partidos e Cultura Política na América Latina*. Porto Alegre: Editora Kuarup, 1989.

CAMÍN, Hector. *Às sombras da Revolução Mexicana (1910-1989)*. São Paulo: Edusp, 1984.

_____. *México: A cinza e a semente*. México: Texas Press, 2000.

CAMP, Roderic Ai. *La Política en México*. 2 Reimpresión. Coyoacán: Siglo XXI, 1995.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas*. 4º Ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CANSINO, Hugo (org.). *Los intelectuales latinoamericanos entre la modernidad y la tradición, siglos XIX y XX*. Madrid: editora Iberoamericana, 2004.

CIERVA, M C. Ruiz de la. *Octavio Paz: cultura literaria y la teoría crítica*. España: UCM, 1997. (Tese de Doctorado)

COSÍO, Daniel Villegas; BERNAL, Ignacio; MORENO TOSCANO, Alejandra; GONAZÁLEZ, Luís; BLANQUEL, Eduardo; MEYER, Lorenzo. *Historia Mínima de México*. 7º Ed. México: Editora El Colegio de México, 1998.

DOSSIER 1: OCTAVIO PAZ. Argentina: Ediciones del Sur, 2004. Disponível em: <<http://www.edicionesdelsur.com/>>. Acessado em: Setembro de 2007.

DOSSIER 2: OCTAVIO PAZ. Argentina: Ediciones del Sur, 2004. Disponível em: <<http://www.edicionesdelsur.com/>>. Acessado em: Setembro de 2007.

GALLARDO, Juan Muñoz. *Personajes Ilustres: Octavio Paz*. Madrid: DASTIN, 2000.

JARDIM, Eduardo. *A duas vozes Hannah Arendt e Octavio Paz*. Rio de Janeiro: Editora Brasileira, 2007.

JARDIM, Eduardo. *A duas vozes Hannah Arendt e Octavio Paz*. Rio de Janeiro: Editora Brasileira, 2007.

LIMA, Rachel Esteves. *O ensaio na crítica literária contemporânea*. Belo Horizonte: Revista de Estudos de Literatura, nº 3, Outubro de 1995.

MACIEL, Maria Ester. *As vertigens da lucidez: poesia e crítica*. São Paulo: Experimento, 1995.

MARTÍNEZ, Agustín. *A modernización crítica en América Latina*. In: PIZARRO. Campinas: Ed. Unicamp, 2002.

MOULIAN, Tomás. *La forja de Ilusiones: el sistema de partidos 1932-1973*. Santiago del Chile: Universidad ARCIS/FLACSO, 1993.

PIZARRO, Ana. *De Ostras y Canibales: reflexiones sobre la cultura latinoamericana*. Chile: Editorial Universidad de Santiago, 1994.

PRADO, Maria Ligia Coelho; SOARES, Gabriela Pellegrino; COLOMBO, Sylvia. *Reflexões sobre a democracia na América Latina*. São Paulo: Editora Senac, 2007.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, Maria Ivonete Santos. *Octavio Paz e o tempo da reflexão*. São Paulo: Scortecci, 2006.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

VILLEGAS, Abelardo. *El pensamiento mexicano en el siglo XX*. Primera Reimpresión. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ZEA, Leopoldo. *El hombre y su obra – el contexto iberoamericano*. Disponível em: <www.ensayistas.org/filsofos/mexico>. Acessado em: 12/05/2007.

_____. *La cultura y el hombre de nuestros días*. México: UNAM, 1959.